

## O DESENHO COMO AGENTE DE AÇÃO SOCIAL E AMBIENTAL

RAFAEL SANTOS DA ROSA<sup>1</sup>;  
ALICE JEAN MONSELL<sup>2</sup>.

<sup>1</sup>UFPEl – [rafaelsantosdarosa948@gmail.com](mailto:rafaelsantosdarosa948@gmail.com)

<sup>2</sup>UFPEl – [alicemondomestico@gmail.com](mailto:alicemondomestico@gmail.com)

### 1. APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem por base a participação de Rafael Santos da Rosa como bolsista de extensão PROBEC da UFPEl do projeto de extensão Contextos de Atuação do Artista, coordenada por Alice Monsell e desenvolvido no Espaço Cultural Katangas: Nova Geração desenvolvido no Espaço Cultural Katangas: Nova Geração do Quadrado, localizado no Porto de Pelotas, na qual acontece ações extensionistas coletivas de educação ambiental e práticas artísticas de reaproveitamento de materiais, determinando assim o relacionamento de inclusão social destas ações. Os participantes das atividades são crianças e adolescentes com idades aproximadamente entre cinco e quinze anos. São moradores do bairro, filhos de pescadores e empregadas domésticas, ou seja, jovens em situação de vulnerabilidade socioeconômica. As proposições de arte são focadas na questão de reaproveitamento de materiais reutilizáveis. Neste trabalho, entretanto, enfatizo o uso de papel como suporte de desenho, que desenvolvo em minhas práticas artísticas pessoais como desenhista e aluno de Licenciatura em Artes Visuais.

Nas ações extensionistas, usamos material reciclado, ou melhor, reaproveitado como suporte e outros aspectos do desenho são totalmente livres e, nesta maneira, evitamos a imposição por parte do ministrante no processo criativo dos jovens. Um fator importante é a experiência e o ato de desenhar. Não pensamos as ações de como estudar o desenho, e sim de praticar o ato de desenhar linhas, cores e formas, bem como representar coisas observadas no Quadrado. O desenho pode ser uma ferramenta de comunicação artística com modos de fazer variados. A educação ambiental extensionista, em primeiro lugar, se dá através da observação do lixo no entorno, através de caminhadas coletivas onde as crianças seguram um tipo de linha - uma corda fabricada e também para construir objetos.

A necessidade de reutilizar materiais nos dias atuais tem sido amplamente discutida por profissionais da educação, mas também perceptível na mídia iniciativas de combate a depredação da natureza. O ato de desenhar sobre materiais reaproveitados é modo de ampliar a percepção sobre o lixo e o mundo, e sobre as consequências da ação antrópica sobre o meio ambiente observado em CARRERI (2013), que repercute na qualidade de vida da população e comprometendo a própria vida humana. Este projeto de extensão está vinculado ao projeto de pesquisa *Sobras do Cotidiano e da Arte: Contextos, lixo em deslocamento entre o espaço público e privado, reaproveitamento, diálogos e documentação (renovação)* da UFPEl e ao Grupo de Pesquisa Deslocamentos, observâncias e cartografias contemporâneas-DesIOCC (CNPq-UFPEl).

### 2. DESENVOLVIMENTO

A intenção deste projeto visa uma relação entre os integrantes das oficinas numa discussão que problematiza através do exercício artístico formas de melhorar o espaço que habitamos seja na observação, do lixo com as crianças

em torno do Quadrado durante uma ação de caminhar, na intervenção e utilização de materiais que consideramos “sobras” – termo que se distingue da noção de lixo, porque um material que é sobra, segundo Alice Monsell, pode ser reutilizado e transformado para a criação de objetos artísticos e outros objetos úteis. Para pensar o meio em que vivemos é preciso valorizar a prática, neste caso a experimentação de materiais e a liberdade de articulação no que se diz a autonomia das crianças em escolher qual a proposta artística se encaixa melhor em suas vivências. A escolha da linguagem gráfica teve uma maior aceitação, mesmo que foram utilizadas inúmeras atividades para se obter uma produção de arte com materiais reaproveitados no Espaço Cultural Katangas. O planejamento de usar as formas de pensar o desenho em DERDKYK (1988) resultou na minha mudança que melhorou o aprendizado na relação com as crianças, podendo notar através do estudo do comportamento dos jovens e na busca em obter respostas de como a educação ambiental coligada à arte poderia ajudar na formação de um adulto capacitado para o decorrer da sua vida.

Na primeira atividade ministrada usando desenhos particulares que os jovens intercederam com giz de cera, lápis de cor e tintas. Essa idéia visava primeiramente iniciar uma aproximação e dar a elas liberdade para usar as imagens como preferissem. Isso serviu de impulso para as oficinas posteriores que levariam no final a um trabalho de construção, montagem de uma estrutura plana com arte seqüencial e textual onde os elementos básicos da comunicação visual estariam instaurados.

Não existiram dificuldades na troca de idéias o que quer dizer, que a troca de comunicação entre os participantes das oficinas foi muito importante para os resultados obtidos em cada ação. Em cada proposta foi mencionado sempre à significância do meio ambiente para o cotidiano de cada um, sempre dando exemplos sobre soluções de uma vida mais simples e com menos gastos, principalmente na arte em que a obtenção de materiais é algo muito caro para os padrões sociais daquelas crianças. Para facilitar mais o projeto em que os desenhos acabaram se enraizando com as atividades artísticas foi introduzido o uso das *histórias em quadrinhos* como uma ferramenta de propagação de cultura, de subjetividade no sentido de motivação nos processos de leitura e criação de personagens, mas também como mais uma aliada no ato de educação ambiental. Através de pesquisas sobre como se iniciaram os movimentos ambientalistas no decorrer da história, notou-se que na mesma época, após a Segunda Guerra Mundial e durante a Guerra Fria surgiu também o movimento *underground* e com ele, uma nova forma de expressão artística. Nessa época, em meados dos anos 1980 as *histórias em quadrinhos*, se destacaram por artistas como *Alan Moore*, um renomado escritor que adaptou um personagem clássico das histórias de terror para um imaginário onde houvesse o debate dos problemas acarretados pela poluição que prejudicam o meio ambiente, FERNANDES (2016). Essa linguagem do movimento *underground* se relaciona com as expressões gráficas usadas pelas crianças do projeto. Elas desenharam garatujas com mensagens relativas às suas experiências, mostrando sua realidade na ponta do lápis e nas colagens e recortes de papéis. Foi com certeza um trabalho muito sensível, um diálogo entre artistas e moradores da periferia do Bairro Porto, um aprendizado de seres tão próximos pela localização, mas tão separados pela desigualdade social existente. Pois às crianças do projeto não se deslocam apenas para uma busca de conhecimento de cunho artístico ambiental, mas simplesmente porque querem estar neste lugar, frio e escuro para propósitos artísticos e tão pouco para se pensar a preservação ambiental. É neste espaço de chão conhecido como Espaço Cultural Katangas que há uma integração, uma confraternização e até

mesmo uma disseminação cultural que ganha o apoio de uma das donas e organizadores deste espaço cultural solidária Aida Oliveira, sem a qual seria impossível realizar as oficinas. As realizações ocorridas demonstraram como a ação extensionista que cruza questões da arte e do meio ambiente funciona de forma prática na relação com os participantes das oficinas. Uma tática das oficinas é estimular ainda mais a subjetividade nas aulas com coisas que despertam o interesse na reflexão sobre o meio ambiente gerando maior progresso das crianças da nova geração do bairro Porto.

Nessa concepção, o presente trabalho sugere realizar uma análise do desconhecimento da sociedade pelotense do Espaço Cultural Katangas que propicia um ótimo suporte a crianças carentes de um reforço escolar, além de investigar as ações que projeto cultural abrange de fato, no ensino da área ambiental, apurando se os alunos conhecem os primórdios do lixo, caracterizando onde o lixo é posto; catalogando as áreas afetadas na natureza, e conscientizando sobre a importância de mudar a prática descabida de dissipar o lixo. Tencionamos o estímulo a mudança prática de atitudes e a constituição de novos hábitos através da arte para uma melhor utilização dos recursos naturais no favorecimento da comunidade, em particular os moradores da periferia do Porto, fomentando a discussão sobre a responsabilidade do ser humano e também do próprio planeta como um todo, oferecendo alternativas eficientes do instrumento artístico para a formação da consciência ambiental. O argumento de trabalhar arte com educação ambiental inserido no contexto social procura contribuir para que pensem novos caminhos que sejam capazes de melhorar esta realidade.

### 3. RESULTADOS

A resposta encontrada nas oficinas aos sábados no Katangas se deu em três momentos. Na primeira ação, foi feita uma caminhada com as crianças onde podemos notar a tamanha sensação de felicidade de caminhar por volta do Quadrado segurando uma corda. Essa experiência foi uma proposição artística de Alice Monsell onde estava sendo aguçado os sentidos dos jovens, seja na observação de objetos, resíduos ou lixos, como também na comunicação verbal das mesmas ao participar e perceber aquela situação e seu próprio bairro, focando na observação do lixo (estimulada pelas perguntas e comentários dos ministrantes que também não sabiam exatamente o que estava acontecendo, pois, foi um *happening*, usando o termo de Allan Kaprow). Foi um ato que uniu o grupo e estabeleceu laços entre os componentes e, desde que se tratava do ato de fabricar uma corda coletiva, também era um desenho coletivo utilizado para realizar a caminhada no Quadrado.

O segundo momento foi numa festa junina que reuniu muitas pessoas, alguns familiares e voluntários aplicando oficinas. Neste dia aconteceram algumas intervenções artísticas que são oriundas do campo acadêmico mas que dialogavam com o lugar, com aquelas pessoas. Essas duas ações aconteceram exatamente na rua, em contato com a natureza, sendo que o canal São Gonçalo passa em frente de Katangas. Nossa mesa, como parte integrante da Festa organizada por Aida Oliveira, naquele ambientou um contexto para perceber melhor a temática sobre o meio ambiente e o projeto, também amostra através da inclusão de fotografias das oficinas.

O terceiro resultado notável se sucedeu quando, numa das atividades de desenho, as crianças definiram o local da atividade, a proposta, os materiais e também a organização do espaço de trabalho. Elas decidiram em conjunto a

atividade no pátio do prédio, em um gramado, onde se proporam a montar a mesa, e deslocaram as cadeiras, assim como decretaram a proposta de desenhar sobre suas vidas. Foi uma prática coletiva feita pelos alunos do espaço cultural que resultou na autossuficiência do grupo e concluindo uma das metas planejadas.

#### 4. AVALIAÇÃO

Após o referido estudo constatou-se a relevância do projeto que propõe ações artísticas extensionistas promovendo a percepção visual do meio ambiente e a reutilização de materiais reaproveitados em práticas criativas para o Espaço Cultural Katangas, principalmente no que se refere aos alunos dessa organização (i.e. que se tornou recentemente uma ONG), que busca fornecer melhor qualidade de vida para a comunidade periférica.

As atividades ofereceram uma possibilidade de construir conhecimento contextualizado, incluindo a participação dos ministrantes extensionistas no grupo de estudo da pesquisa Sobras do Cotidiano e da Arte, como um suporte de entendimento para os problemas ambientais durante discussões e leituras em grupo com alunos do Centro de Artes, também Membros do Grupo de Pesquisa DeslOCC que tem como procedimento e meta artísticos o ato de caminhar que é forma de deslocar olhares e percepções sobre si mesmo e sobre o entorno observado. Sendo que os alunos demonstraram nas oficinas uma postura exemplar notada pelos ministrantes das propostas: acréscimo no desempenho educacional e participação nas atividades. O grupo de voluntários que são integrantes do Projeto de pesquisa Sobras do Cotidiano e da Arte se comprometeram na contribuição e aprendizagem solidificando a prática de ações colaborativas para intensificar o relacionamento com os habitantes

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DERDYK, Edith. **Formas de Pensar o Desenho**. Editora Zouke, 1988.  
GUATARRI, Félix. **As Três Ecologias**. Editora Palpirus, 1989.  
CARRERI, Francesco. **Walkskapes: o caminhar como prática estética**. Editora G. Gilli, 2013.  
OITICICA, Hélio. **Aspiro ao Grande Labirinto**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.  
FERNANDES, Hylío Lagana; SILVA, Maria Aparecida Alves da; OLIVEIRA, Willian Prestes de. Histórias em Quadrinhos e Educação Ambiental: o Discurso Ecológico em a Saga Do Monstro Pântano de Alan Moore. (Dossiê História em Quadrinhos: Criação, Estudos da Linguagem e usos na Educação). **Revista Temporis [Ação]** (Periódico acadêmico de História, Letras e Educação da Universidade Estadual de Goiás). Cidade de Goiás; Anápolis. V.16, n.02, p.242-264 de 469, número especial, 2016. Disponível em:

<http://www.revista.ueg.br/index.php/temporizacao/issue/archive>> Acesso em: <16/08/2017>